

## **Nas escolas para dekasséguis, bicho-papão é a crise**

*Claudia Sarmiento*

*Desempregados, pais deixam filhos sem estudo*

Enquanto escolas japonesas estão mergulhadas num debate sobre qual deve ser o papel de pais e professores, crianças brasileiras que vivem no país, filhas dos dekasséguis, enfrentam um outro tipo de problema. A maioria dos imigrantes brasileiros prefere matricular os filhos em escolas particulares com ensino em português. Os estabelecimentos públicos japoneses são gratuitos, mas os dekasséguis, em geral, desembarcam no Japão acreditando que ficarão por um curto período, suficiente apenas para juntar uma boa poupança, e não veem sentido em fazer as crianças seguirem o ensino japonês. Com a crise, no entanto, milhares de brasileiros perderam seus empregos e não têm mais como pagar as mensalidades escolares.

A rede de escolas particulares brasileiras muitas delas montadas de forma precária, sem nenhuma base acadêmica cresceu no rastro do movimento dekasségui, iniciado em 1990. Os descendentes de japoneses deixaram o Brasil para trabalhar em fábricas e procuraram, no começo do processo migratório, soluções informais para seus filhos, deixando-os em creches ou centros que acabaram se transformando em escolas que seguem o currículo brasileiro.

Grandes redes privadas, mais organizadas, também aproveitaram o filão e se estabeleceram no Japão, mas as demissões em massa nas fábricas mudaram totalmente esse quadro.

Em 2005, havia 117 escolas com currículo em português.

Em 2010, sobraram 82, sendo que apenas 52 são homologadas pelo MEC. Para crianças maiores, que nunca aprenderam o japonês, a adaptação em escolas públicas japonesas é bastante complicada e exigiria total empenho dos pais na educação dos filhos. Mas como a situação dos imigrantes é instável o sonho de voltar ao Brasil é permanente, mas vai sendo adiado muitos acabaram simplesmente deixando as crianças sem estudo, enquanto decidem se voltam para casa ou se ficam no Japão.

Há menores que vivem hoje numa espécie de “limbo educacional”: frequentaram escolas brasileiras de baixa qualidade e não foram alfabetizados adequadamente em português, mas também não têm como entrar numa escola japonesa, onde já teriam que saber os três alfabetos utilizados no país (kanji, hiraganá e katakaná).

A psicóloga brasileira Terezinha Ohata, que vem trabalhando com crianças que ficaram sem escola, acha que a situação reflete uma realidade dramática.

Os dekasséguis vieram com a ilusão de que poderiam enriquecer, e a educação dos filhos nunca foi uma prioridade.

A crise foi um susto, e espero que ajude os imigrantes a entenderem que as únicas famílias que vão sair ganhando dessa experiência são as que investiram no futuro acadêmico das crianças — alerta ela.

**Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 9 maio 2010, Primeiro Caderno, p. 34.**